

DOCUMENTOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI NOS ARQUIVOS DA URSS

Por E. M. Wolf, I. I. Tchelicheva *

Os arquivos soviéticos conservam uma série de documentos portugueses inéditos que até agora não atraíram a atenção dos especialistas, nem foram objecto de investigação especial. Os mais antigos destes documentos remontam ao século XVI. Mereceram a nossa atenção como fontes históricas e linguísticas, levando-nos a preparar uma publicação comentada de 31 documentos que sairão em breve em português (numa versão diplomática) na colecção chamada «Formação das línguas românicas literárias» (no prelo na ed. Nauka, Moscovo).

Uma parte dos referidos documentos encontra-se em Leninegrado, na Secção do Manuscrito e Livro Raro da Biblioteca Estatal Saltikov-Schedrin, e uma outra no arquivo do Instituto de História da Academia das Ciências da URSS, na mesma cidade. Para explicar como foi que estes materiais chegaram à Rússia, diremos algumas palavras sobre a história dos arquivos que guardam os documentos, e que são extremamente famosos na história do arquivismo russo.

À biblioteca Saltikov-Schedrin pertencem duas colecções com documentos portugueses: a de Dubrovski (F. 971, avt. 69) e a de Vacsél (F. 965, op. 1). A mais notável é a de Dubrovski. Tem uma importância especial na história do arquivismo russo em geral. P. P. Dubrovski, diplomata russo do fim do século XVIII, foi durante 14 anos (desde 1777) funcionário da embaixada russa em Paris. Foi então que fundou a sua famosa colecção comprando manuscritos e livros antigos nos leilões e aos particulares. A colecção de Dubrovski inclui manuscritos

* As autoras são ambas investigadoras do Instituto de Linguística da Academia das Ciências da URSS, e doutoras de Estado em ciências filológicas.

Este trabalho foi apresentado ao «I Encontro de Historiadores Portugueses e Soviéticos», que decorreu em Moscovo, em Março de 1984.

de vários países: a maioria deles é de origem francesa, desde os códices latinos dos séculos V-IX até aos arquivos e correspondência dos contemporâneos de Dubrovski do século XVIII. Foi ele quem comprou uma parte da biblioteca de J.-J. Rousseau, inclusive o raríssimo códice de Tito Lívio do século XV que pertencera outrora a Catarina Médicis. Na colecção há cartas de Erasmo de Roterdão, de Leibniz e muitos outros documentos interessantíssimos, num total de cerca de 700 códices manuscritos, cerca de 15 mil documentos da Europa Ocidental e também manuscritos russos, gregos, orientais.

Conservam-se nesta colecção 27 cartas de reis e homens de Estado de Portugal dirigidas à corte real francesa, que se referem à segunda metade do século XVI: 22 cartas são escritas em português, 5 em espanhol.

É curioso notar que em 1788 P. P. Dubrovski visitou Lisboa com uma missão diplomática, e aproveitou esta ocasião para receber a confirmação da autenticidade dos documentos adquiridos em Paris, mostrando uma das cartas ao arquivista do Arquivo Real da Torre do Tombo J. da Silveira Moraes Barbarica. Temos no dorso da carta umas palavras com as quais o arquivista certifica que a carta foi realmente escrita pela própria mão do Cardeal D. Henrique, e que a caligrafia é idêntica à dos outros documentos guardados no Arquivo.

O segundo grupo de manuscritos faz parte do arquivo de P. L. Vacsél, colecionador russo dos fins do século XIX — princípio do séc. XX. Quando jovem (nos anos 1862-1879) viveu em Portugal, e durante toda a sua vida manteve correspondência com escritores e intelectuais portugueses, discutindo com eles problemas da literatura russa, da música portuguesa, temas camonianos e os seus problemas de colecionador. P. L. Vacsél foi eleito membro correspondente do Instituto de Coimbra, membro estrangeiro da Sociedade de Camões e membro da Sociedade Geográfica de Portugal.

A colecção dos documentos e autógrafos de P. L. Vacsél contém milhares de documentos históricos e cartas de várias épocas e vários países, incluindo a última carta de Maria Stuart. Encontramos entre documentos históricos portugueses dos séculos XVI-XIX 25 cartas régias, autógrafos do marquês de Pombal, de Alexandre Herculano, de Teófilo Braga e de outros. Ao século XVI pertencem, no arquivo de P. L. Vacsél, quatro cartas de doação ligadas à linhagem dos Maldonados, fidalgos de origem espanhola, confirmando os seus direitos senhoriais, uma delas em pergaminho e com belíssimas iluminuras.

O terceiro arquivo de que provêm os documentos que nos interessam é o do académico Nikolai P. Likhatchóv (1862-1936), destacado

historiador e arqueógrafo russo, autor de numerosas obras em historiografia, paleografia, etc. Na colecção excepcional de N. P. Likhatchóv encontra-se uma série de conjunto notáveis — papiros egípcios, manuscritos gregos, árabes, coptas, incunábulo. Os documentos portugueses do arquivo de Likhatchóv foram adquiridos nos leilões da Europa Ocidental, particularmente em Paris, no começo do século XX.

Ao século XVI pertencem neste arquivo três missivas, as quais fazem parte da correspondência diplomática entre Portugal e a França, análogas aos documentos da colecção de Dubrovski, e também duas cartas de doação.

Os documentos russos, franceses, italianos e outros dos três arquivos acima mencionados foram objecto de numerosas pesquisas por historiadores, paleógrafos e filólogos soviéticos, mas os documentos em português jamais foram estudados ou publicados.

É curioso notar que as cartas enviadas de Portugal a França ao mesmo tempo e pelo mesmo correio foram por acaso parar a diferentes colecções russas. Assim, vemos no arquivo de Dubrovski duas cartas datadas de 17 de Fevereiro de 1567: uma dirigida por D. Sebastião a Carlos IX, e outra por D. Catarina a Catarina Médicis, ambas referindo-se às conversações sobre o suposto matrimónio de D. Sebastião e Margarida Valois. A colecção de Likhatchóv contém uma carta do Cardeal D. Henrique, naquele tempo regente junto com D. Catarina, que foi escrita pelo mesmo amanuense e no mesmo dia e que foi, porém, ter à Rússia cem anos mais tarde do que aquelas duas¹.

Os documentos portugueses do século XVI representam vários tipos de manuscritos com diferentes particularidades paleográficas e diplomáticas. Mencionemos em primeiro lugar as cartas de doação, os alvarás, escritos com letra caligráfica, com iluminuras e iniciais ornamentadas, formulados rigorosamente segundo as regras diplomáticas da época. Há também cartas missivas mais modestas, organizadas segundo os cânones da correspondência política do tempo; são escritas por amanuenses e só assinadas por expedientes. E há finalmente cartas-autógrafos escritas de forma curiosa em letra quase ilegível.

As cartas-autógrafos arquivam-se na colecção de Dubrovski: uma delas é escrita pela própria mão do príncipe D. António, e duas pelo Cardeal D. Henrique, quando regente do rei menor D. Sebastião. É preciso notar que Dubrovski atribuiu mesmo ao cardeal Henrique quatro

¹ No texto que segue, falando dos documentos citados, usaremos «D» para referir o arquivo de Dubrovski, «V» para o de Vacsél, «L» para o de Likhatchóv. Os números que acompanham a letra, por ex. D5, correspondem aos da publicação no prelo.

cartas mais, e é com esta atribuição que elas até agora figuraram no catálogo da biblioteca. Mas a decifração completa destes documentos mostrou que se trata neles dos acontecimentos que se deram em Portugal depois da morte de D. Henrique. As cartas estão assinadas «o duque». Tomando em conta o seu conteúdo, e baseando-nos nas fontes publicadas, conseguimos apurar que o autor destas cartas foi o duque João de Bragança. Naquela altura (1580) durante o Interregno a família de Bragança aspirava à coroa portuguesa.

Outras cartas missivas foram escritas pela mão dos amanuenses e assinadas pelas pessoas reinantes. Devido a isso, nos arquivos do nosso país estão representadas assinaturas-autógrafos da rainha D. Catarina, do Cardeal D. Henrique e de D. Sebastião. Nas cartas de doação de cargos e de privilégios vemos também assinaturas de D. João III e do príncipe D. Jorge, duque de Coimbra, mas é pouco provável que sejam autógrafos destas personalidades, pois os amanuenses costumavam copiar a assinatura dos donatários nos documentos deste género.

De ponto de vista da historiografia os documentos portugueses nos arquivos soviéticos podem ser divididos em vários grupos. O primeiro é formado pelas cartas régias de doação, que apresentam interesse para o estudo da história interna de Portugal. A este grupo pertence o mais antigo dos documentos que estão à nossa disposição: a carta-decreto de admissão à ordem religiosa. Foi dada em nome do príncipe D. Jorge, filho ilegítimo de D. João II, duque de Coimbra, mestre da ordem de Santiago e de Avis, em 1537 (V1). Uma carta de D. João III certifica a doação do cargo de alferes da Ordem de Cristo, em 1541 (L1). Uma carta do rei D. Sebastião (1568) apresenta interesse como documento ligado às práticas administrativas nos territórios portugueses de além-mar naquele período (V3). Trata-se nela da promoção de um nobre a «vedor, alcayde-mor, provedor dos defuntos e vedor das obras da fortaleza de Ormuz». Vale a pena notar que esta carta, além do texto principal, contém algumas notas indicando a prerrogação da sua validade por alguns anos.

O mais solene de todos os documentos é a carta de doação de armas e de privilégios, concedida em nome do rei D. João III a Fernão Maldonado, e assinada pelo rei d'armas de Portugal (1548). Descreve toda a cerimónia de doação de armas e privilégios e tem uma iluminura em cores que representa as armas em questão (V2).

Um pouco à parte pela forma e pelo conteúdo fica uma carta do Cardeal D. Henrique, na qual ele, como Inquisidor-Mor e representante do Papa em Portugal, referindo-se à lealdade da família Tovar, do Porto, afirma o seguinte: «...Sabemos que numqua forão culpados,

nem presos pelo Sancto Officio por nenhuns crimes, nem erros, nem outro nenhum seu parente ou descendente até hoje» (L3).

Como já indicámos, todos os documentos da colecção de P. P. Dubrovski são cartas missivas enviadas de Portugal a França. Nestas cartas reflectiram-se alguns acontecimentos importantes das relações bilaterais franco-portuguesas e da vida política europeia do século XVI.

Durante o período em questão, ambos os países desempenharam um papel importante na vida política. Portugal, estando à beira de uma crise muito grave que o levou à perda da independência, ainda conservava o prestígio de uma potência colonial. Ao longo do século XVI, a França e Portugal mantiveram estreitas relações comerciais, diplomáticas e culturais. Era através de Portugal que a França adquiria mercadorias coloniais. Das fontes portuguesas os franceses tiravam informações sobre o Novo Mundo. Convidaram-se os portugueses para servir na marinha francesa, traduziam-se os seus relatórios de viagens e cartas de marear. Na complicada situação internacional, a aliança entre a França e Portugal correspondia aos interesses de ambas as partes, pois reforçava as suas posições nas relações com a Espanha, que foi um rival permanente de Portugal na expansão ultramarina, e para a França um adversário directo nas guerras italianas.

Todas as cartas datam do reinado de D. Sebastião, do curto governo de D. Henrique depois da morte daquele e do interregno que terminou na união de Portugal com a Espanha. As fontes epistolares deste período (a segunda metade do século XVI) constituem a maior parte dos documentos no fundo de Dubrovski. As cartas são destinadas ao rei de França Henrique II, à rainha Catarina Médicis e aos seus filhos que sucederam no trono francês: Francisco II, Carlos IX, Henrique III. Entre os destinatários figuram também Maria Stuart, que na altura era esposa de Francisco II, e alguns nobres franceses do século XVI — Charles de Guise, cardeal de Lorena, Nicolas de Villeroy, secretário do rei. As cartas estão escritas em nome do rei D. Sebastião e dos regentes, D. Catarina e D. Henrique; entre os remetentes estão também D. António, prior do Crato, e o duque João de Bragança. As cartas citam os nomes de diplomatas conhecidos da época: embaixador de Portugal em França, João Pereira Dantas, enviados especiais Álvaro de Castro, Afonso de Lencastre, João Gomes da Silva, embaixador da França em Espanha Jean de Saint-Gouard, cônsul francês em Portugal Pierre d'Or.

As cartas variam muito quanto ao volume de informação: há algumas que são uma espécie de credenciais cujo conteúdo não vai além do aviso sobre a chegada do embaixador, e o pedido formal de que lhe

seja dado crédito; há porém outras que contêm uma narrativa por-menorizada sobre os acontecimentos no país.

Vamos citar só alguns acontecimentos de grande importância que se reflectiram na correspondência conservada nos arquivos de Dubrovski e de Likhatchóv. A mais antiga das cartas data de 29 de Abril de 1559, e contém uma saudação a Henrique II em nome de D. Sebastião, por ocasião da assinatura do tratado de paz entre a França e a Espanha, em Cateau-Cambresis (D16). Este tratado pôs fim às guerras italianas, nas quais Portugal mantinha neutralidade.

Naquele mesmo ano, o rei de França Henrique II foi morto num torneio. Quatro mensagens: duas de D. Henrique, uma de D. Sebastião e uma de D. Catarina, exprimem condolências à família real por este motivo (D1, D2, D13, D14).

Durante vários anos a França e Portugal discutiram a possibilidade do casamento do rei D. Sebastião com a filha de Catarina Médicis, Margarida Valois. Alguns documentos respectivos a este assunto já foram publicados. Três cartas que temos à nossa disposição referem-se a estas conversações (D4, D5, L2). Na altura (1567) ambas as partes encararam com uma atitude benévola a perspectiva deste casamento de interesses dinásticos. As mesmas cartas citam, porém, o acontecimento que provocou uma discordância entre os dois países: em 1566 os franceses desembarcaram na ilha da Madeira e saquearam este domínio português. Os portugueses exigiram à França indemnizações. As cartas informam que o embaixador português em França, João Pereira Dantas ia apresentar aos franceses as reivindicações da parte portuguesa no que respeita ao «caso da Madeira».

O choque na ilha da Madeira, junto com outros factores, levou a um certo arrefecimento nas relações entre a França e Portugal. Em Outubro de 1567 uma carta em nome de D. Sebastião informa sobre a retirada de França do embaixador permanente João Pereira Dantas (D3). É evidente que a razão citada na carta tem um carácter eufemístico, enquanto a causa verdadeira não é revelada. Em nome do rei D. Sebastião declara-se o seguinte: «...contrairos sam a sua saude os ares dessa terra e notável periguo que correria sa laa ficasse este ymverno». Sob este pretexto, o embaixador é autorizado a retirar-se da França.

Na segunda metade do século XVI, a França foi palco de guerras de religião. A corte portuguesa seguiu com atenção a luta entre os católicos e protestantes. Uma das cartas da colecção de Dubrovski é destinada, em nome de D. Sebastião, ao cardeal da Lorena Charles de Guise, que acumulou nas suas mãos grande poder durante o reinado de Francisco II (D10). Os portugueses felicitam o cardeal de Lorena a propósito

do desvendamento do chamado «complot d'Amboise», conjurado pela oposição de fidalgos contra a influente família católica de Guise (1560).

Felicitações análogas foram dirigidas à corte francesa, por ocasião da vitória das tropas reais na batalha de Moncontour (1570) contra as tropas protestantes do almirante Coligny (L14). A carta diz: «me pareceo que devia lembrarvos que animeis ao christianissimo rey, pera que use de severidade no castigo dos que tão culpados são, proseguindo a victória que lhe Nosso Senhor deu, sem admittir a paz, de que se pode ter pouca confiança como a experiencia tem mostrado, porque não pode aver verdadeyra e quieta tranquillidade sem acabar os que levantarão tumultos tam trabalhosos pera seu Rey e tam injuriosos contra o bem universal da Christandade».

Um interesse especial provoca uma longa carta enviada a Carlos IX, em nome de D. Sebastião, a propósito dos acontecimentos da noite de São Bartolomeu (L5). O massacre de protestantes na noite sangrenta de São Bartolomeu é qualificado como «sancta e honrrosa determinação». Um pouco adiante D. Sebastião diz ao rei francês: «se já não tivera o nome de Christianissimo rei, o pudera novamente merecer aguora pera sy e pera todos os reis seus sobcessores». Como vemos, naquele período Portugal actua como baluarte do catolicismo e da Contra-Reforma.

Uma outra série de cartas está ligada aos acontecimentos que se deram em Portugal depois da morte de D. Sebastião, que não tinha descendência directa. Subiu ao trono de Portugal o seu avô-tio, o velho Cardeal D. Henrique. A situação no país, durante o curto reinado de D. Henrique e o período de interregno até à proclamação de D. Filipe II da Espanha como rei de Portugal, foi alvo de numerosas pesquisas. Nas nossas fontes também há alguns dados relativos a este período.

No arquivo de Dubrovski há duas cartas do príncipe D. António, o qual, como filho ilegítimo do infante D. Luís, se tornou pretendente à coroa portuguesa. A primeira destas cartas data de Novembro de 1579, quando era ainda vivo D. Henrique, e a posição de D. António em Portugal era bastante instável. Através do embaixador francês em Espanha, D. António teria recebido certas promessas do rei de França, Henrique III. Na sua carta D. António afirma que está disposto a abandonar Portugal para servir o rei de França. A carta diz: «E posto que minha fazenda e casa tenho em este reino, não me será empedimento pera hir servir Vossa Majestade em esse de França, ou em quoaquer parte que me mandar juntamente com os filhos os quoaes fui sempre criando pera isso» (D17).

Como se sabe, durante as discordâncias dinásticas, D. António foi proclamado rei, mas não pôde resistir a Filipe II e fugiu para França, onde foi acolhido como rei português «de jure». A este período remonta uma pequena nota autógrafa de D. António, que contém declarações de respeito dirigidas ao secretário de rei francês N. de Villeroi (D18). D. António assinou a nota «rey», embora a coroa portuguesa na altura pertencesse já a Filipe II.

Por fim fazem parte dos nossos arquivos 4 cartas destinadas a Catarina Médicis e Henrique III, escritas pela própria mão do duque João de Bragança. Três delas datam do ano de 1579, e foram escritas quando ainda era vivo o Cardeal D. Henrique. A primeira informa de maneira concisa sobre a chegada numa carta, as outras duas referem-se ao encontro com o enviado francês, arcebispo de Comminges (D19, D20, D21).

A mais longa e interessante das quatro cartas foi escrita pelo duque João de Bragança em Março de 1580 (D22). Dirigindo-se a Catarina Médicis, o duque explica detalhadamente a situação em Portugal depois da morte de D. Henrique. Informa que até ser resolvida a questão da sucessão, Portugal é governado por 5 governadores escolhidos por D. Henrique. A política do rei da Espanha preocupa o duque; aquele, diz a carta, «começou a mandar fazer muitas armadas e apparatus de guerra, logo como El Rei meu senhor se perdeu na de Africa, e continuando sempre estes apercebimentos até agora os manda apressar de novo com maior quentura». O duque informa que ele e a sua esposa D. Catarina estão determinados a «obedecer inteiramente a quem for declarado Rey por justiça dereitamente feita e resistir com todos esforços a quem... quizer usurpar esta coroa».

Adiante o duque exprime esperança que sejam confirmados os direitos de D. Catarina de Bragança, a qual, como se sabe, era filha do infante D. Duarte e podia aspirar à coroa portuguesa. O duque pede ajuda à França, inclusive armas: «Que Vossa Majestade se servirá de dar ordem com que estes Reynos sejam benemente providos de armas e munição e mantimentos, hé que com a perda de Africa está falto, para que com estas ajudas possamos melhor defender esta coroa e offender a quem contra justiça e sem ordem dela a quizer ocupar». Mais adiante João de Bragança agradece à rainha de França pelo apoio prestado, e exprime uma imensa gratidão à corte francesa por parte de toda a família de Bragança. De diferentes fontes históricas sabe-se que naquela altura os duques de Bragança enviaram cartas por toda a Europa à procura de aliados políticos. A mensagem do arquivo de Dubrovski pertence a esta série.

Acabámos de fazer uma análise sumária dos documentos portugueses do século XVI nos arquivos soviéticos. Além destes, nos depósitos documentais da URSS há numerosos outros documentos portugueses da história moderna que aguardam os seus investigadores. O estudo de documentos portugueses nos arquivos soviéticos está em fase inicial. Parece-nos que pesquisas deste género podem ser realizadas em vários aspectos: têm interesse os próprios documentos, seu conteúdo e forma, e além disso, a historiografia dos arquivos de que fazem parte, que esclarece a história das relações culturais entre a Rússia e Portugal.

